



Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 1519-7050

ISSN: 2177-6229

Universidade do Vale do Rio dos Sinos Centro de Ciências
Humanas Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais

Moraes, Thays; Marra, Adriana Ventola; Souza, Mariana Mayumi Pereira de
Identidade e futebol: um estudo sobre membros de uma torcida organizada
Ciências Sociais Unisinos, vol. 54, núm. 1, 2018, Janeiro-Abril, pp. 49-59
Universidade do Vale do Rio dos Sinos Centro de Ciências
Humanas Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

DOI: <https://doi.org/10.4013/csu.2018.54.1.05>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93860389005>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto



Identidade e futebol: um estudo sobre membros de uma torcida organizada

Identity and soccer: A study about a supporters' group

Thays Moraes Sobrinho¹
thaysmoraes_2010@hotmail.com

Adriana Ventola Marra¹
aventola@ufv.br

Mariana Mayumi Pereira de Souza¹
mariana_mayumi@yahoo.com.br

Resumo

O futebol é o esporte mais popular do Brasil e um dos grandes responsáveis pela construção identitária e cultural dos brasileiros. A paixão pelo futebol é passada através das gerações e conquista cada vez mais adeptos, que encontram nas torcidas organizadas um grupo em que possam compartilhar objetivos, costumes e ideais. Este trabalho teve como objetivo compreender como essas organizações atuam na construção da identidade pessoal, social e coletiva de jovens torcedores do Clube Atlético Mineiro, residentes de Belo Horizonte e região metropolitana. Por meio de uma pesquisa qualitativa, foi realizado um estudo de caso na torcida organizada Fúria Alvinegra. Foram feitas entrevistas semiestruturadas que, posteriormente, foram analisadas por meio da Análise de Discurso. Os participantes foram selecionados pelo critério de acessibilidade e bola de neve. De forma complementar, foram também examinadas fotografias. Os resultados apontaram para a grande influência da torcida organizada na construção identitária dos entrevistados, devido à dedicação à torcida, às amizades construídas, ao sentimento de utilidade que carregam por serem os responsáveis pela festa no estádio e ao desejo de quebrar os paradigmas que comumente cercam as torcidas organizadas.

Palavras-chave: *identidade, futebol, torcidas organizadas, Análise de Discurso.*

Abstract

Soccer is the most popular sport in Brazil. It is one of the main responsible for Brazilians' identity and cultural construction. Love for soccer is transmitted through generations and conquer more adepts each day. Some of them find in supporters' groups a group within which they can share goals, behaviors, and ideas. This article aimed at comprehending how these supporters' organizations act in the personal, social and collective identity construction of Clube Atlético Mineiro's young supporters in Belo Horizonte city and metropolitan area, Brazil. By doing a qualitative research, we developed a case study about a soccer supporters' group, named Fúria Alvinegra. We collected semi-structured interviews and analyzed them through the Discourse Analysis approach. Interviewees were selected by accessibility and snowball criteria. Additionally, we also analyzed photos. Results pointed to a significant influence of the supporters' group on the identity construction of interviewees, because of: their dedication to the group; friendship relations; utility feelings from being responsible for cheering up the stadium; and desire to build a new image of the supporters' group towards public opinion.

Keywords: *identity, soccer, supporters' group, Discourse Analysis.*

¹ Universidade Federal de Viçosa - Campus Florestal. Rodovia LMG 818, km 06, 35690-000, Florestal, MG, Brasil.

Introdução

O futebol é considerado o esporte mais popular do Brasil e um dos maiores componentes da cultura do povo brasileiro (Carvalho *et al.*, 2005). Trazido ao Brasil por meio do inglês Charles Miller em 1894, e praticado inicialmente pelas elites, o esporte se popularizou ao longo dos anos e hoje é considerado um dos eventos mais expressivos na vida do povo brasileiro (Murad, 1999). É comum aos brasileiros reunirem-se para assistir aos jogos, frequentar estádios e criar ciclos sociais em torno do clube de futebol que torcem, criando assim bases para construção de identidades. Entende-se que a identidade pessoal dos indivíduos é construída e reconstruída a partir da sua história particular de vida e da sua relação com outros indivíduos e grupos (Dubar, 2005).

Ao longo das últimas décadas essa reunião informal para torcer pelos times tem tomado um caráter mais rígido e frequente, criando assim as chamadas torcidas organizadas. Os indivíduos que fazem parte dessas torcidas tendem a ser altamente identificados com o clube e com o grupo da torcida. A vida familiar, profissional e pessoal dos torcedores é diretamente influenciada pelas regras que estas organizações ditam e pelo que elas exigem dos indivíduos enquanto seus membros (Pimenta, 1997; Toledo, 1996). Segundo Toledo (1996, p. 33), as torcidas organizadas refletem "um novo padrão de sociabilidade entre os torcedores de futebol expresso nos comportamentos, na estética, na manipulação de um instrumental simbólico, enfim, num determinado estilo de vida". O torcedor organizado se diferencia do torcedor comum, pois além da paixão pelo time, submetem todos os outros aspectos de sua vida cotidiana ao cronograma dos jogos, sendo o futebol um fenômeno constitutivo de seu estilo de vida (Pimenta, 1997). Sendo assim, a torcida organizada se torna um espaço organizacional privilegiado para construção de identidades, e por isso se torna um campo de estudo pertinente à administração.

A realização deste estudo se deve à forte identificação de uma das autoras com o futebol e mais especificamente com o clube Atlético Mineiro e sua torcida. Este estudo se justifica ainda considerando a atualidade do tema em questão e a escassez de pesquisas na área dentro da perspectiva dos estudos organizacionais, abordando especificamente as torcidas organizadas, que comumente são estudadas pela perspectiva da violência e desordem social. Em pesquisa realizada no portal Spell com o tema futebol, são encontrados vários artigos, mas quando a busca é feita com o termo torcida organizada aparecem apenas três resultados e todos eles relacionados ao Sport Club Corinthians Paulista, clube que teve registrada a primeira torcida organizada do país (Pimenta, 2003).

Essas perspectivas de violência e desordem trazem aos indivíduos envolvidos em torcidas organizadas um estigma, que Goffman (1975) define como características que colocam o sujeito à margem da sociedade por não serem consideradas por ela como normais ou aceitáveis. Sendo assim, este estudo preten-

de investigar também como a configuração da identidade dos torcedores organizados se dá a partir do momento em que são estigmatizados pela sociedade.

Portanto, o objetivo principal deste trabalho foi compreender como os torcedores do Clube Atlético Mineiro filiados à torcida organizada Fúria Alvinegra constroem sua identidade pessoal e coletiva. O presente artigo está organizado em cinco seções, incluindo esta introdução. Em seguida, há o referencial teórico, que discute conceitos de identidade e suas relações com as torcidas organizadas, os caminhos metodológicos trilhados para realização da pesquisa, a análise e discussão dos dados coletados, as considerações finais da pesquisa e as referências bibliográficas utilizadas.

O jogo entre as identidades individuais e coletivas

As identidades dos indivíduos são construídas e reconstruídas de forma dinâmica e processual a partir das trajetórias individuais, das histórias vividas, dos processos interacionais e das identificações estabelecidas com diversos grupos sociais. Sendo o futebol o esporte mais popular do Brasil e maior expressão identitária do nosso país (Toledo, 1999) é inegável a sua relação com a construção das identidades dos brasileiros.

A identidade pode ser definida como uma síntese do sujeito, ou seja, como um apanhado das suas crenças, costumes e valores, e que estão ligados as suas relações sociais. Dubar (2005) afirma que as identidades são frutos das socializações dos indivíduos, sendo construídas e reconstruídas ao longo de toda sua vida. O compartilhar de realidades seria o responsável pela construção das identidades do indivíduo, uma vez que ele vivencia diferentes realidades nos seus vários grupos sociais. Fernandes e Zanelli (2006) afirmam que a sobrevivência do indivíduo está intimamente ligada a sua necessidade de construção de uma identidade, ou seja, da noção de afirmação e pertencimento aos diferentes grupos sociais. Esses grupos compartilham costumes e culturas que são repassados aos membros e compartilhados por eles, e a partir daí influem na construção de sua identidade.

Nesse sentido, a identidade do indivíduo será construída a partir do jogo de identificações que ele vivencia diante dos mais variados grupos com os quais convive. Segundo Turner (1982), o processo de identificação social se dá pelo fato de o indivíduo localizar a si mesmo e aos outros dentro de determinados grupos e por isso se identificar ou não com eles. Ashfort e Mael (1989) também versam sobre a identificação social do indivíduo, e a definem como o sentimento de pertencimento e unidade que o indivíduo tem em relação a determinado grupo.

Enfatizando a relação entre identidades e grupos sociais, uma das perspectivas de análise levantadas por Machado (2003) é a formação das identidades coletivas. A identidade coletiva de um grupo é composta por um conjunto de discursos e práticas complementado por valores e significados que regem os membros do grupo e que o definem como tal. Ela é marcada pelo fato

de a percepção que o indivíduo tem de si mesmo dentro de determinado grupo ser maior do que sua percepção como sujeito próprio, individual (Bakhtin, 1992).

Em consonância com este pensamento, Souza e Carrieri (2013, p. 11) apontam que "os espaços de interação delimitados pelas identidades coletivas fornecem limites para a expressão das identidades individuais". Neste sentido, é possível compreender que os indivíduos por vezes perdem sua percepção individual, como citado por Bakhtin (1992), em função de sua percepção maior do grupo e do que é esperado dele como membro deste grupo. Por este motivo e pelo jogo de identificações trazido por Ashfort e Mael (1989), os indivíduos são capazes de escolher os grupos aos quais se identificam e conseqüentemente de quais identidades coletivas estão dispostos a fazer parte.

A identidade coletiva de um grupo está ligada ainda aos seus objetivos, ou seja, àquilo que o grupo almeja e que seus membros trabalham juntos para alcançar. Quanto mais forte for a dedicação destes membros em cumprir os objetivos determinados pelo grupo, mais forte será a identidade coletiva desse grupo. Assim como a identidade individual, a identidade coletiva também é mutável e está sujeita a passar por transformações que mudem as práticas do grupo e tragam a ele novos sentidos (Souza e Carrieri, 2013).

Para Eder (2003, p. 7), o processo de construção da identidade coletiva passa pela percepção de um "nós coletivo" e de um "outro coletivo", o que também nos remete à característica individual da identidade de ser construída a partir das identificações (nós) e das não identificações (os outros). Este autor também aponta que a percepção da coletividade é capaz de criar para o grupo uma vontade própria que seria capaz de superar os interesses individuais, visto que a identidade coletiva é capaz de promover a integração social. Ela permite que o indivíduo viva uma experiência integradora e tenha a sensação de pertencimento, diminuindo assim sua insegurança (Eder, 2003).

Ainda neste sentido, Baptista (2002) afirma que a identidade coletiva garante aos indivíduos o sentido de continuidade e segurança, uma vez que os membros do grupo compartilham ao longo do tempo os mesmos valores e normas que o reafirmam enquanto grupo. Esta autora acrescenta ainda que a identidade coletiva é construída a partir da relação do grupo com outros fatores, como por exemplo, o local no qual está inserido, os outros grupos, os outros indivíduos e o tempo.

Integrar-se a determinada identidade coletiva provoca a diferenciação do indivíduo em relação aos que dela não participam. Tal diferenciação pode gerar efeitos percebidos como positivos, como conferir maior *status* social, ou negativos, como um estigma social (Goffman, 1975). Em um sentido amplo, o conceito de estigma abarca quaisquer características que façam com que o indivíduo frustrate as expectativas de normalidade de dada sociedade. Goffman (1975) acrescenta, porém, que alguns indivíduos carregam estigmas, mas não são incomodados e nem se sentem arrependidos por fazê-lo, ou seja, eles reconhecem que não conseguem viver de acordo com o que a sociedade espera deles.

Portanto, neste trabalho, partindo do pressuposto que o indivíduo constrói sua identidade a partir das realidades que compartilha e dos grupos aos quais pertence, sendo eles estigmatizados ou não, foi estudada a dinâmica de construção da identidade a partir da relação dos sujeitos enquanto membros de uma torcida organizada, tema abordado a seguir.

As torcidas organizadas no jogo das identidades

O ambiente futebolístico abarca diversos grupos, como o de jogadores, dirigentes, comissão técnica, mídia e torcedores, como apontam os estudos de Meneghetti e Faria (2006). Para fins deste trabalho serão abordados todos esses temas, mas a ênfase do mesmo se encontra no grupo dos torcedores, especificamente dos torcedores organizados.

O surgimento das formas de torcer se dá juntamente com os primeiros passos do futebol no Brasil, ainda em 1894, quando o esporte era praticado apenas pela elite e a torcida se restringia a mulheres e familiares dos praticantes (Murad, 1999). Com a popularização do futebol ao longo dos anos foram se criando também novas formas de torcer. Inicialmente estas se restringiam apenas ao espaço de duração dos jogos e esporadicamente a conversas cotidianas (Sobrinho e Cesar, 2008).

As primeiras formas de torcer que excediam o tempo e espaço dos jogos foram as chamadas torcidas uniformizadas (Toledo, 1996). Elas possibilitavam a continuidade dos sentimentos de unidade e amizade que antes se restringiam aos 90 minutos da partida, e tinham uma estrutura básica de organização, geralmente composta por um torcedor denominado "chefe da torcida" e os demais torcedores. O papel das torcidas uniformizadas era garantir a ordem dos espetáculos esportivos e divulgar o clube que representavam. Elas eram compostas, em sua maioria, por jovens e era alicerçada em ideias de raça, nação e união.

As torcidas uniformizadas são as precedentes do que hoje conhecemos como torcidas organizadas. Estas, diferentemente das primeiras, são mais elaboradas burocraticamente e normalmente contam com um presidente, diretores, conselheiros e sócios (Sobrinho e Cesar, 2008; Teixeira, 2003). As primeiras torcidas organizadas datam das décadas de 1960 e 1970 e são provenientes dos clubes paulistas. Elas nasceram na época do chamado "milagre econômico brasileiro", durante a ditadura militar e, conseqüentemente, as cidades enfrentavam processos de reestruturação urbana. Em meio a essas mudanças surgem "configurações organizativas com característica burocrática/militar" (Pimenta, 2003, p. 41) que criam um novo fenômeno urbano, conhecido como torcida organizada (Pimenta, 2003).

Esse fenômeno não pode ser estudado sem levar em conta o processo de construção da identidade social do jovem brasileiro, que foi marcado por uma sociedade onde prevalece o interesse do capital e o individualismo. Esses jovens se aderiram às torcidas organizadas na busca de um grupo onde pudessem se autoafirmar e possuir sentimento de pertencimento e de solida-

riedade (Pimenta, 2003). Além disso, a entrada em uma torcida organizada confere a eles a possibilidade de expressar a individualidade imposta através da negação do outro por meio da violência entre os rivais.

Toledo (1996) define as torcidas organizadas como agrupamentos de torcedores que aceitam e vivenciam uma série de regras, rituais, comportamentos simbólicos e linguagens que "transcendem os padrões normais e, em grande parte, socialmente aceitos daquilo que se entende por torcer para times de futebol" (Toledo, 1996, p.119). Este mesmo autor acrescenta ainda que algumas torcidas organizadas surgem como forma de rivalizar outras que já existem, ou seja, já nascem baseando sua identidade na oposição a outro grupo.

Essas organizações são normalmente compostas por indivíduos do sexo masculino, pertencentes a classes sociais baixas, de baixa escolaridade e que tem entre 14 e 25 anos (Murad, 1996). Entretanto, Teixeira (2003) considera que as torcidas organizadas são ambientes heterogêneos que comportam indivíduos de diferentes idades, graus de instrução, profissões e classes sociais.

Apesar de ser um ambiente diversificado, Cavalcanti (2002) afirma que os principais motivos que levam um indivíduo a procurar uma torcida organizada são a união, integração e sentimento de pertença que envolve o grupo. Além disso, este autor destaca ainda a admiração que os torcedores sentem pela festa realizada nas arquibancadas pelas torcidas e este também é um motivo para querer participar delas. Isso ocorre porque segundo Pimenta (2000) o torcedor organizado não é mais um mero torcedor, um mero espectador do jogo. Ele se torna parte do espetáculo do futebol e expressa sua masculinidade e força através da torcida.

Esse espetáculo é o responsável por sustentar a identificação dos indivíduos com a torcida. Isso se dá pelo fato das organizadas trabalhar em aspectos estético-lúdico-simbólicos que atraem jovens para o movimento. O estético (vestimentas específicas e bandeiras), o lúdico (cantos e coreografias) e o simbólico (sentimento de pertença e de oposição aos rivais) conferem às torcidas organizadas características próprias e que atraem indivíduos que buscam sentimento de unidade e pertencimento (Pimenta, 2003). Esses símbolos "constituem verdadeiros sinais de identificação e distinção entre as torcidas" (Teixeira, 2003, p.79). Por serem símbolos tão importantes para as torcidas, as faixas, camisas e bandeiras são constantemente visadas pelos adversários e por isso exigem máxima proteção (Teixeira, 2003; Toledo, 1996).

O comportamento dos torcedores organizados dentro dos estádios também é um símbolo de sua identidade. A entrada em bloco, os gritos de guerra específicos, as coreografias durante os cantos e a presença da bateria são características marcantes desse grupo. A bateria é considerada o coração da torcida e a ela pertencem os membros mais antigos e respeitados, sendo assim, quanto mais próximo da bateria o torcedor fica mais prestígio ele possui (Teixeira, 2003).

A linguagem usada nas torcidas e em seus cânticos se torna ainda mais importante para sua identidade à medida que expressa seus ideais, demarcam inimigos, aliados, heróis etc. Eles servem tanto para apoiar os times quanto para intimidar e humilhar as

organizadas rivais através de insultos e desqualificações (Teixeira, 2003). Esses elementos simbólicos dão a identidade da organizada e seu compartilhamento transforma todos os indivíduos em um corpo único, "um nós coletivo" (Cavalcanti, 2002, p. 20).

A relação das organizadas com as torcidas rivais também é componente importante na construção da sua identidade. Elias e Dunning (1992) afirmam que o conflito é a essência dos esportes e a necessidade de derrotar o adversário é o que o move. Sendo assim, mais do que conflito com os times rivais, as organizadas divergem com as torcidas inimigas.

O conflito e a violência são temas recorrentes quando se trata de torcidas organizadas. Para Pimenta (2000) e Sobrinho e César (2008), a violência pode ser considerada como o principal símbolo dessas torcidas e motivo pelo qual consegue atrair tantos jovens, que buscam segurança, afirmação para sua identidade e visibilidade social.

Para entender a violência presente nas torcidas organizadas é necessário entender o tempo social atual, ou seja, buscar entender como as mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais alteram o cotidiano dos centros urbanos brasileiros e o comportamento dos jovens (Pimenta, 2000). Este novo tempo social cria os chamados novos sujeitos, que Pimenta (2003) afirma serem os responsáveis pela violência urbana, especialmente nas torcidas. Os novos sujeitos são indivíduos esvaziados coletivamente e que tem diminuída a sua capacidade de compreender a existência e importância do outro, e por isso constroem sua identidade tendo a violência como elemento estruturante.

Devido à característica violenta das torcidas organizadas, sua permanência na cultura futebolística é polêmica entre os estudiosos. Pimenta (1999) defende o fim dessas organizações, entendendo-as como prejudiciais não só à sociedade, mas também ao clube que representam, uma vez que a violência mancha a imagem do clube e inviabiliza possíveis investimentos e bons patrocínios. Por outro lado, Toledo (1999) afirma que a extinção dessa modalidade de torcida não é o suficiente para garantir o fim da violência no futebol. O autor pondera que mesmo que as torcidas sejam proibidas de frequentar os estádios com seus materiais e uniformes, os mesmos torcedores violentos se farão presentes nos jogos de forma velada e continuarão com seus pensamentos intolerantes e violentos.

Apesar do estigma de marginais e violentas que carregam, as torcidas organizadas também possuem um suposto papel social. Segundo seus dirigentes, elas são responsáveis por promover lazer e ações filantrópicas nas comunidades mais carentes das cidades (Sobrinho e César, 2008). Toledo (1999) vai de encontro a esse pensamento e critica a visão simplista e marginal que as organizadas possuem perante a sociedade, afirmando que é preciso observá-las em todas as suas esferas.

Caminhos metodológicos

Para entender como os torcedores organizados configuram sua identidade a partir de sua relação com a torcida que

fazem parte foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo. A pesquisa qualitativa é caracterizada por ser aquela em que técnicas interpretativas buscam descrever, traduzir ou explicar o significado de determinados fenômenos sociais (Cooper e Schindler, 2011).

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com nove jovens de Belo Horizonte e da região metropolitana que fazem ou fizeram parte da torcida organizada Fúria Alvinegra. A entrevista semiestruturada caracteriza-se por oferecer mais liberdade ao pesquisador, oferecendo-lhe a oportunidade de guiar a conversa por diferentes caminhos de acordo com a direção que considere mais adequada. Aliada à abordagem qualitativa, as entrevistas semiestruturadas tornam possível obter maior profundidade na coleta das opiniões e impressões de cada entrevistado, justificando um número relativamente reduzido de sujeitos pesquisados (Marconi e Lakatos, 2010).

Foram analisadas também fotografias, solicitadas aos entrevistados que representassem a torcida e as postadas no site da torcida. A análise de fotografias, segundo Flick (2004), permite uma visão mais abrangente do estilo de vida do grupo e permite ao pesquisador captar fatos e situações que não podem ser descritas por palavras, além de trazer a possibilidade de análise por parte de outras pessoas.

Pelo fato de esta pesquisa abranger somente uma organização, o Grêmio Recreativo Social e Cultural Torcida Organizada Fúria Alvinegra, ela também se caracteriza como um estudo de caso. Gil (1999) define o estudo de caso como aquele que promove o conhecimento profundo de um ou poucos objetos, situações ou organizações. Cooper e Schindler (2011) acrescentam ainda que o estudo de caso permite analisar as múltiplas perspectivas de uma organização, garantindo assim maior profundidade na pesquisa.

A escolha da torcida pesquisada se deu por acessibilidade e pela facilidade de contato com os membros da torcida. O Grêmio Recreativo Social e Cultural Torcida Organizada Fúria Alvinegra está localizado na cidade de Belo Horizonte. Com apenas 3 anos de existência, é considerada uma das maiores torcidas organizadas do Clube Atlético Mineiro. No momento da coleta de dados, em 2016, a torcida contava com aproximadamente 180 associados e era gerida por cinco diretores. Estes exerciam funções específicas, mas não recebiam nenhum tipo de remuneração da torcida e conviviam no mesmo nível de hierarquia. Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos a partir do grupo de diretores e de associados de acordo com a relação efetiva com a torcida, com a dedicação e participação nos eventos promovidos por ela, e com a indicação de outros membros.

Os dados obtidos através das entrevistas foram gravados – com a permissão dos participantes – transcritos e posteriormente analisados por meio da análise de discurso (AD) de vertente francesa. A AD é uma disciplina da linguística em que o discurso é analisado enquanto prática discursiva em um dado contexto. Os elementos da AD foram utilizados para interpretar a fala dos entrevistados, buscando entender questões subjacentes aos enunciados explícitos, tais como a subjetividade do

enunciador e sua relação com estruturas discursivas mais amplas (Maingueneau, 2000).

Neste estudo, primeiramente, foram destacados os percursos semânticos do *corpus* de análise. Posteriormente, foram analisados os temas evidenciados em cada percurso semântico. Segundo Fleischman (2001) existem várias possibilidades de se fazer a AD, dentre as quais destacam-se a organização do discurso, as estruturas discursivas e as características léxico-gramaticais. Neste trabalho foram utilizadas as características léxico-gramaticais, ou seja, procurou-se compreender como os entrevistados justificam suas afirmações a partir do jogo de palavras que utilizam e da forma como as utilizam (Souza e Carriero, 2014).

Discussões e resultados

Conforme já exposto, foram ouvidos nove membros da torcida organizada Fúria Alvinegra. Destes, cinco eram sócios (E1, E2, E3, E4 e E7), dois diretores (E5 e E8) e dois fundadores, que já não estavam mais dirigindo a torcida (E6 e E9). Todos os entrevistados tinham a idade entre 18 e 25 anos. A maioria foi composta por homens, solteiros, e que estavam cursando o ensino superior. Destes, cinco estavam trabalhando no momento e dois eram somente estudantes. As duas mulheres entrevistadas não estavam trabalhando e também eram solteiras, sendo uma estudante do ensino superior e outra já formada.

Na análise das entrevistas, foram percebidos três principais percursos semânticos. O primeiro deles é o percurso da *identidade pessoal*, que se desdobrou nos temas *ser jovem* e *ser torcedor*. O segundo é o percurso da *identidade coletiva*, que tem como temas a caracterização dos jovens enquanto torcida organizada (*ser torcida*), a *diferenciação* da torcida dos outros grupos e a *imagem* que eles carregam por fazerem parte de uma torcida organizada. O terceiro e último percurso gira em torno da imagem negativa que estes torcedores carregam por serem organizados, que é o *estigma* trazido por Goffman (1975). Este percurso foi dividido nos temas *percepção do preconceito* e *atitudes/comportamentos* em relação a esse preconceito.

Entendendo que a identidade pessoal é a tentativa de concepção do sujeito a partir do seu próprio conceito de si (Dubar, 2005), foi elaborada a primeira questão apresentada aos torcedores. Como é possível perceber a partir dos trechos abaixo, os entrevistados tiveram certa dificuldade de definir-se enquanto indivíduos, entretanto, quando conseguiram elaborar a resposta, a menção ao time na própria definição foi recorrente.

Pergunta difícil essa... Eu sou uma pessoa bem humorada, dificilmente me estresso... Muito apaixonado pelo futebol, gosto de passar o dia todo vendo futebol, bem fanático pelo Galo... (E2)

(PAUSA)... Eu sou uma pessoa extrovertida, que gosta de brincar, conversar, fazer novas amizades... E principalmente Atleti-cana, né? Que essa é a característica principal. (E3)

É difícil, pera aí... Como que eu vou me definir, eu não sei me definir... Sou um cara alegre, tranquilo, descontraído, apaixonado por futebol... Na verdade só pelo Atlético, né? (E5)

E2, E3 e E5, ao citarem o time de futebol pelo qual torcem quando indagados por sua definição pessoal, confirmam as colocações de Cavalcanti (2002) e Toledo (1999). Estes autores ressaltam que o futebol, por ser o esporte mais popular do Brasil, é também o maior responsável pela expressão identitária dos brasileiros. Ao empregarem os termos "Atlético", "Atleticana" e "Galo", no entanto, os entrevistados explicitam que mais do que intimamente ligada ao futebol, suas identidades estão fortemente relacionadas ao clube que torcem. Dentre as nove entrevistas realizadas, em sete delas os torcedores citaram estes ou outros termos que fizessem referência ao Clube Atlético Mineiro quando perguntados sobre quem eram.

Outra característica recorrente na resposta dos entrevistados sobre sua identidade pessoal foi a percepção que eles têm de si mesmo enquanto jovens comuns, ou seja, que eles não são diferentes por serem torcedores organizados.

Eu sou um cara normal, com uma vida normal... Faço faculdade e é isso aí, não sou muito diferente não [...]. (E4)

[...] eu sou uma pessoa com perspectiva de vida, dedicado aos meus estudos, meu trabalho, tenho vontade de constituir família [...]. (E7)

Ao usar a expressão "cara normal", E4 vai contra o que Toledo (1996) traz em sua definição de torcedor organizado quando afirma que estes torcedores transcendem os padrões normais e aceitos da sociedade. O mesmo ocorre quando E7 fala de sua "perspectiva de vida", sua dedicação aos estudos, ao trabalho e sua vontade de constituir família, as quais se pode inferir implicitamente que seriam características pertencentes ao "padrão" normal e aceito socialmente.

Outro fator importante na construção da identidade pessoal dos entrevistados foi o processo de socialização, ou seja, das realidades que são apresentadas na infância e ao longo da vida do indivíduo (Fernandes e Zanelli, 2006; Dubar, 2005). Todos os entrevistados afirmaram que sua relação com o Atlético começou devido à influência de familiares que eram atleticanos e que lhes levavam ao estádio, davam camisetas e ensinavam sobre o time desde que eram crianças.

A minha relação com o Atlético começou basicamente desde que eu nasci, porque minha mãe é atleticana fanática [...] então ela sempre levou eu e minha irmã pro estádio... (E3)

O meu pai era de organizada também, já foi de algumas organizadas do Galo e desde criança a gente ia ao estádio todo fim de semana. (E4)

Ao usarem as expressões "desde que eu nasci" e "desde criança a gente ia ao estádio todo fim de semana", E3 e E4 mostram que não conheceram outra realidade a não ser a que vivem

hoje, que seria a de torcedores assíduos do Atlético. A mãe e o pai dos entrevistados – que são personagens importantes na construção de suas identidades – foram os responsáveis pelos primeiros processos de socialização dos filhos, e como eles se deram em torno do futebol, ele hoje é fator marcante da identidade dos dois.

Diferentemente da relação com o time, que começou devido a influências familiares, a relação dos entrevistados com as torcidas organizadas se deu a partir do desejo dos próprios em fazer parte de um grupo que compartilhasse de seus interesses e de fazer parte da festa da arquibancada, como apontado por Cavalcanti (2002).

Eu e minha irmã já começávamos a frequentar os jogos sozinhas e tudo mais, e ela começou amizade com um dos diretores e então começamos a ir com eles [...] e eu sempre olhei a torcida organizada como sinônimo de festa, festa na arquibancada. (E1)

Eu sempre gostei de ir ao campo e não tinha muita companhia, aí conheci uma galera no estádio e comecei a frequentar junto com eles... (E4)

As falas de E1 e E4 reproduzem o discurso do futebol enquanto esfera de sociabilidade, visto que implicitamente pressupõem que é preciso ter companhia para assistir aos jogos. Nesse sentido, os entrevistados relatam que já não tinham mais as mesmas companhias da infância, e por isso sentiram a necessidade de se juntar ao grupo de torcedores organizados. Essa necessidade se torna ainda mais evidente quando E1 afirma que sempre viu a torcida organizada como um "sinônimo de festa", e que esse foi mais um motivo para que ela quisesse fazer parte do grupo.

Quando perguntados sobre as diferenças entre ser um torcedor comum e um torcedor organizado, os entrevistados destacaram o fato de ser parte da festa e de ser o responsável por ela, confirmando as observações de Pimenta (2000).

A maior diferença tá nos bastidores, porque geralmente o torcedor comum participa da festa na arquibancada, e o organizado faz essa festa. (E2)

A torcida organizada, o trabalho dela começa dias antes. A gente pensa o que fazer pra motivar os jogadores, pra incentivar... Chegamos antes, preparamos a festa, durante o jogo a gente faz a festa e se a coisa tá ruim a gente faz com que aquilo possa melhorar. (E8)

As falas de E2 e E8 mostram que para eles a torcida organizada é de fato a grande responsável pela festa na arquibancada. Através da seleção lexical do verbo "fazer" que se refere à torcida como sujeito coletivo, eles destacam todo o trabalho de preparação da festa e, implicitamente, afirmam que sem eles todos os torcedores seriam somente espectadores do futebol, sem a festa.

Na fala de outros torcedores é possível inferir mais um motivo pelo qual os jovens são atraídos para as torcidas organizadas: o desejo de fazer parte de um grupo que, segundo eles, é considerado superior.

A torcida organizada no meu ponto de vista é como se fosse uma elite do torcedor, aquele torcedor que realmente tem uma coisa a mais pelo clube. (E4)

Se não existir perde toda a cultura do futebol do Brasil, se não tiver as organizadas. (E8)

Quando E4 usa o termo "elite" para definir a torcida organizada, ele a coloca em relação de superioridade aos torcedores comuns. E8, por sua vez, afirma que a torcida organizada é a responsável pela cultura do futebol do Brasil, conseqüentemente, podemos inferir que segundo o entrevistado se as torcidas não existirem também o futebol não mais existirá. Estas afirmações também confirmam o que foi trazido por Pimenta (2000), ou seja, mostra que os entrevistados têm consciência de que quando entram para as organizadas eles deixam de ser apenas torcedores e entram para um grupo diferenciado, um grupo que deixa de ser apenas espectador.

Segundo Pimenta (2000) e Sobrinho e César (2008), os torcedores encontrariam na violência das torcidas organizadas um meio de expressar sua identidade e garantir visibilidade social. Entretanto, a maioria dos torcedores entrevistados destaca justamente o contrário como um dos motivos que os levaram a fazer parte da torcida.

Eu conheci alguns diretores da Fúria [...] e vi que eles eram bem tranquilos. A torcida na época era mais um grupo de amigos [...] e eu vi que eles iam pro estádio só pra apoiar o Galo mesmo, não tinha esse negócio de briga. (E2)

A partir da fala de E2, é possível inferir que ele tem consciência da característica violenta que outras torcidas têm. Ao afirmar que seu grupo vai ao estádio "só" para apoiar o Galo, o entrevistado nos permite pressupor que outras torcidas vão também por outros motivos, como para brigar.

A imagem violenta que as torcidas organizadas têm está sendo relacionada neste trabalho ao conceito de estigma trazido por Goffman (1975). Este autor aponta o estigma como uma característica que coloca indivíduos ou grupos como não pertencentes ao que a sociedade aceita como padrão, e por isso se tornam alvos de preconceito. Diante desse conceito, foi perguntado aos entrevistados se eles se sentiam estigmatizados por serem torcedores organizados.

Toda vez que eu conto pra alguém que faço parte de uma torcida a pessoa pergunta "ah, mas não tem confusão? Ah, mas não dá bagunça?" [...] então as pessoas já têm esse pensamento automático né? (E1)

Quando eu falo que sou de torcida organizada geralmente as pessoas já olham com uma desconfiança, tipo assim "nossa, mas você é mulher e torcedora organizada?" (E3)

[...] Pelo rótulo, por estar em uma torcida organizada às vezes te atrapalha em alguma coisa. Uma entrevista de emprego que você faz, às vezes você vai lá e seu chefe vê uma foto sua com uma torcida organizada, então ele fica com um pé atrás. (E6)

Os enunciados dos três entrevistados fazem referência a um discurso de que os participantes das torcidas organizadas seriam indivíduos que apresentam comportamentos considerados negativos pela sociedade. Na fala de E1, o estigma do torcedor organizado está explícito nos termos "confusão" e "bagunça". E3, por sua vez, destaca em sua fala dois fatores geradores de preconceito na sociedade: o fato de ser mulher e de ser torcedora organizada. Ao usar o termo "nossa" para representar a fala de outras pessoas, a entrevistada mostra que sente o espanto e o desprezo dos outros ao contar que é uma torcedora organizada. E6, por fim, se define como rotulado por estar em uma torcida organizada e, ao afirmar desse rótulo, mostra que as pessoas só veem e julgam os torcedores organizados pela imagem, não pelo que são como pessoas, e isso pode atrapalhar inclusive a vida profissional deles.

Após todos os torcedores afirmarem que de alguma forma sentem o preconceito por serem organizados, foi perguntado a eles se esse era um motivo para que eles deixassem a torcida. As respostas foram em consonância com o que Goffman (1975) traz de seus estudos: algumas pessoas reconhecem o estigma que carregam, mas não se sentem incomodadas e nem arrependidas por fazê-lo e então não tentam se adequar ao padrão imposto pela sociedade, preferindo viver como estigmatizados. Estas considerações podem ser percebidas no enunciado a seguir:

Não, isso aí (o estigma) não me atinge não. Eu não tô nem aí pro que os outros acham ou deixam de achar, porque eu trabalho, estudo, pago meu ingresso, tudo que eu faço é com meu dinheiro e através do meu esforço então isso (deixar a torcida) nunca me passou pela cabeça não. (E7)

Na fala de E7, é possível inferir certa negação do entrevistado em relação ao estigma que vivencia, por meio da expressão "estar nem aí". Ao afirmar que trabalha, estuda e paga o próprio ingresso, o entrevistado explicita que estaria dentro de um padrão de conduta socialmente aceitável, reproduzindo outro discurso sobre o que seria a normalidade.

Apesar de afirmarem que já vivenciaram algum tipo de preconceito por serem torcedores organizados, todos os entrevistados apontaram que antes de entrarem para a torcida também tinham algum tipo de receio em relação às mesmas.

Eu tinha um pouco de receio porque eu sempre via muito noticiário de briga, essas coisas assim... (E2)

Minha opinião sobre as torcidas antes de começar a fazer parte delas era meio ruim, por que eu acompanhava mais pela televisão então a gente só vê brigas, não vê as coisas boas que acontecem na torcida... (E9)

Para Meneghetti e Faria (2006), a identidade coletiva dos torcedores organizados é construída também através da relação que a torcida tem com outros grupos, como outros torcedores do mesmo time, torcedores do time rival, jogadores, mídia, entre outros. Nas falas de E2 e E9, é possível inferir que eles responsa-

bilizam a personagem discursiva da mídia pela imagem negativa da torcida organizada, uma vez que ela só mostraria as "brigas" que envolvem esses grupos e não as "coisas boas que acontecem na torcida".

Assim como acontece com a mídia, a relação da torcida com os torcedores comuns também é conflituosa em alguns momentos, como é possível perceber nos enunciados de E1, E3 e E5.

No setor que a fúria fica é difícil por que... muitas vezes as pessoas ficam pedindo pra sentar, abaixar bandeira e isso a gente sabe que em torcida organizada é impossível. (E1)

Hoje o perfil do torcedor mudou bastante [...] o torcedor no geral tá virando consumidor do futebol e não mais torcedor. Isso no sentido de achar que pagando ingresso eles podem, tem o direito de assistir o jogo como quiserem. (E3)

O problema é que a torcida organizada fica todo jogo no mesmo lugar, aí o pessoal vem e senta atrás da torcida e quer ficar mandando abaixar a bandeira? O portão tem mais de 135 metros, por que tem que ficar justo nos 4 metros que a gente tá? (E5)

Estes enunciados explicitam os pontos abordados por Pimenta (2003). Este autor sustenta que os símbolos (bandeiras, cânticos, baterias) são os responsáveis por marcar o espaço do estádio que a torcida ocupa e que são justamente eles os responsáveis por manter a identificação dos indivíduos com a torcida. Sendo assim, os entrevistados simbolizam as bandeiras como formas de marcação do território da torcida organizada, em oposição ao discurso dos demais torcedores, que afirmariam ter direito de assistir ao jogo onde quiserem.

Assim como o espaço dentro do estádio, a demarcação de alguns espaços na cidade também contribui para a construção da identidade destes indivíduos enquanto torcida organizada. Quando se trata do relacionamento com as torcidas do time rival os entrevistados afirmam que nunca tiveram nenhum tipo de problema envolvendo briga com os rivais, mas isso porque reconhecem a iminência de um conflito e buscam evitá-lo.

É claro que se eu estou com a camisa da Fúria e tem um jogo do time rival eu não vou passar onde os torcedores do outro time ficam, por que aí eu vou estar procurando. (E5)

Na fala de E5, é possível pressupor que, por vezes, ele pode abdicar de um interesse pessoal, no sentido de passar por um local que talvez precisasse ou fosse mais próximo de seu destino, por exemplo, para evitar um possível conflito que envolva a torcida rival. É possível inferir ainda que o simples fato de usar a camisa da torcida e passar nos locais onde comumente o adversário fica já é considerado uma situação de perigo, demonstrando que os espaços na cidade são de alguma forma territorializados.

A necessidade de abdicar do interesse individual em prol do coletivo trazida por Bakhtin (1992) foi o motivo citado por um torcedor, que também foi um dos fundadores da Fúria, para deixar a direção da torcida.

Eu saí por questões de motivo pessoal mesmo, família, trabalho, estudos. Eu gosto muito de ir fazer a festa, de ajudar a torcida, dar uma animada no pessoal só que infelizmente isso demanda muito nosso do tempo pessoal, então às vezes não tinha jeito de eu fazer mais nada, às vezes uma coisa que eu queria fazer por fora eu não podia por que tinha que estar dedicado à torcida, então eu preferi dar um tempo por questões pessoais mesmo. (E9)

Através da fala de E9, nota-se que as atividades relacionadas à torcida ocupavam praticamente todo o seu tempo, inclusive o que seria dedicado a família, trabalho e estudos. Por perceber que o papel de torcedor organizado ocupava todo o seu tempo e não permitia que ele fizesse outras atividades mesmo que tivesse o desejo de fazê-las o torcedor decide sair da direção da torcida. Entretanto, ao usar a expressão "dar um tempo", E9 deixa explícito que não saiu definitivamente, que esta pode ser uma situação provisória e que ele pode voltar futuramente.

Em outro ponto da entrevista, os torcedores foram pedidos para que definissem a torcida, e, ao contrário do que aconteceu com a definição de si mesmos, eles não demonstraram nenhuma dificuldade para responder esta questão. Este fato pode demonstrar que a coletividade que eles vivenciam enquanto torcida organizada representa uma fonte identitária coerente e mais facilmente definível.

Defino a Fúria como uma torcida que me fez encontrar muitos amigos, inclusive meu namorado, e me fez encontrar pessoas exatamente como eu sou [...] e tem esse fanatismo igual a mim, então foi encontrar pessoas iguais a mim. (E3)

Eu defino como família, é tipo família. [...] Por que aqui dentro a gente tem o mesmo carinho, atenção e amor que a família dá pra um ente. (E6)

Nas falas de E3 e E6, por meio das expressões destacadas, é possível notar explicitamente a representação da torcida organizada como fonte identificatória de grande importância para os entrevistados. A identidade coletiva da torcida como espaço onde se encontra "pessoas exatamente como se é", ou onde se constrói uma "família", traz implicitamente o sentido de uma identidade homogênea e harmônica, na qual os entrevistados encontram segurança, pertencimento e indivíduos semelhantes que compartilham de uma mesma realidade, conforme observado também por Cavalcanti (2002).

Por se definirem como um grupo de amigos e até mesmo como uma família, os torcedores buscaram em outros momentos da entrevista desvincular a Fúria do estigma que cerca as torcidas organizadas e que já foi aqui tratado.

Quando a gente vê (brigas envolvendo torcidas organizadas) a gente afasta na hora, afasta na hora por que não quer sujar o nosso nome. (E5)

Eu já vi demais (brigas envolvendo torcidas organizadas), principalmente fora de casa, mas nunca envolveu nenhum membro da Fúria. (E6)

Pelas falas de E5 e E6 percebe-se que eles já presenciaram algum tipo de confusão que envolvesse as torcidas organizadas. Entretanto, os dois dão ênfase ao fato de que a Fúria não participa dessas confusões. E5, ao utilizar a primeira pessoa do plural, se coloca como porta-voz da identidade coletiva, deixando explícito que haveria um comportamento comum entre todos os membros da Fúria no sentido de evitar as brigas.

Em outro momento, E6 busca de outra maneira diferenciar a Fúria das demais torcidas organizadas:

Eu acho bacana frisar isso, todos os diretores, todos, não tem um diretor aqui que não fez faculdade ou que nunca trabalhou. Todos, desde que a Fúria foi fundada, todos que já passaram aqui estudam ou trabalham. (E6)

A repetição da palavra "todos" ao explicar que os membros diretores cursam ensino superior e trabalham enfatiza a oposição interdiscursiva de E6 em relação ao estigma de que os torcedores organizados seriam desocupados, desordeiros ou pessoas com baixo grau de instrução. Ao dar esse destaque, o entrevistado nos permite inferir que por a torcida ser dirigida por pessoas com maior grau de instrução, ela seria diferenciada das demais.

Por fim, foi perguntado aos torcedores o que ser um torcedor organizado representava para eles, e pedido para que destacassem alguns pontos positivos e negativos de fazer parte de uma torcida organizada. As respostas foram ao encontro das colocações de Pimenta (2003) sobre o pilar da identificação dos indivíduos com a torcida ser o fato de realmente fazer a festa, como eles mesmos afirmaram, e de Goffman (1975) sobre o estigma.

Representa poder ajudar um pouco mais na festa da arquibancada, estar por trás dos bastidores ali da festa e vivenciar mais a torcida de modo geral. (E2)

(Ser um torcedor organizado) representa ser o máximo que eu posso chegar enquanto torcedor, fazer o maiores forço pra ajudar o Galo. (E4)

Através das respostas de E2 e E4, por meio das expressões verbais "ajudar" e "fazer o maior esforço", é possível inferir que participar da torcida organizada confere aos entrevistados um sentido de utilidade. A personagem discursiva dos torcedores organizados receberia a responsabilidade por incentivar o time e por garantir a festa que todos no estádio presenciam.

Essa mesma sensação de sentir-se útil para a festa no estádio foi notada quando os entrevistados contaram sobre o bandeirão da torcida, que segundo depoimento dos mesmos é o maior patrimônio de uma torcida organizada. Foi pedido para que eles tirassem fotografias do que achassem que pudesse representar a imagem da Fúria e o bandeirão foi figura recorrente. Ao mostrar a foto do bandeirão, o torcedor E5 apresentou a seguinte justificativa por tê-la escolhido:

Pela dificuldade que foi pra pintar, o tempo que foi pra pintar... Eu lembro que foi no dia que o Atlético perdeu de dois a zero

pro Grêmio no Mineirão que a gente finalizou o bandeirão, e eu e mais dois membros saímos de lá com o rosto queimado por causa do sol, com insolação, o outro rapaz foi parar até no hospital. Então assim, deu tudo errado mas na hora que subiu acho que foi uma das melhores sensações que eu tive na arquibancada. (E4)

Toledo (1996) afirma que as bandeiras são elementos centrais da identidade de uma torcida visto que elas são o que diferencia uma organizada das outras e dos torcedores comuns. Exatamente por isso, E4 se mostra tão satisfeito ao falar do bandeirão da Fúria, mesmo com o todo o sacrifício pessoal de alguns torcedores e com a perda do time. A identidade coletiva da torcida organizada, simbolizada pela subida do bandeirão, se mostra tão relevante que se sobrepõe à integridade individual dos membros e ao próprio sucesso do time.

Pode-se perceber ainda que a importância da bandeira para a torcida vai além da beleza e da festa. A arquibancada, onde normalmente a Fúria se concentra, tem aproximadamente 135 metros de largura, enquanto o bandeirão tem 73 metros. Uma bandeira que ocupa mais da metade do setor de um estádio simboliza também a demarcação da força e do tamanho da torcida. Quando a bandeira é estendida no centro da arquibancada e dá a sensação de cobrir quase todo o setor, ela coloca a Fúria como elemento de destaque dentro do estádio, e reforça ainda mais a identidade da torcida. Os símbolos são grandes responsáveis por reforçar a imagem da torcida enquanto organização e garantir a adesão e identificação dos torcedores, criando assim um rico campo para a construção de identidades.

Os entrevistados afirmaram também que lutam para diminuir ou acabar com o lado negativo de ser um torcedor organizado, que segundo eles é o preconceito por serem taxados de marginais. Além dos depoimentos colhidos nas entrevistas foi registrado um protesto feito pela Fúria em conjunto com outras organizadas do Atlético pedindo o fim da marginalização do torcedor organizado. Fotografias do protesto realizado pelas torcidas foram publicadas nas redes sociais e no site da Fúria com o seguinte apelo: "Que julguem e culpem os culpados, as organizadas não podem responder pelo ato de marginais que se escondem atrás de nossas camisas".

Através da imagem e da legenda é possível perceber que a torcida reconhece que a violência é de fato presente nas organizadas. Entretanto, o que os torcedores buscam destacar é que essa violência é fruto de alguns indivíduos que se escondem atrás da torcida, e não das organizadas em si. Eles destacam inclusive que também são a favor da punição para quem dela merecer, e assim como Toledo (1999), afirmam que a torcida não pode ser julgada de forma simplista e marginal como atualmente é feito pela sociedade.

Em suma, foi percebida durante toda a análise deste trabalho a visão da torcida enquanto organização, e por isso espaço privilegiado para construção de identidades, dado que é em torno dela que os torcedores criam sua rotina, adaptam seus ideais e comportamentos, desenvolvem seus laços sociais e

os sentimentos de integração e pertencimento, lutando para se diferenciar de grupos semelhantes e para terem seu reconhecimento social.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo geral compreender como os torcedores do Clube Atlético Mineiro filiados à torcida organizada Fúria Alvinegra constroem sua identidade pessoal e coletiva. Foi constatado que a torcida organizada é um local notável para a construção de identidades por ser um meio que permite aos jovens a expressão de si mesmos e a inserção em um grupo que lhes garanta o sentido de pertencimento social.

A identidade pessoal dos entrevistados encontra-se, antes de tudo, fortemente vinculada ao futebol e ao time pelo qual torcem. Tão grande a identificação com tais elementos que a vinculação à identidade coletiva da torcida organizada representa uma forma de se tornar um torcedor diferenciado, que deixa de ser apenas espectador do futebol para ser o responsável por garantir a festa na arquibancada e o apoio ao time. Fazer parte da torcida organizada confere sentidos de protagonismo, utilidade e superioridade perante os torcedores comuns.

Ser um torcedor organizado representa para os entrevistados a possibilidade de fazer algo mais pelo time que aprenderam a amar desde crianças, de serem reconhecidos como os responsáveis por fazer a festa nos estádios e assim ajudar o clube e por verem na torcida organizada a possibilidade de se relacionar com pessoas que compartilham dos mesmos ideais e objetivos.

A dedicação maior ao time, segundo a maioria dos torcedores, não pode ser medida e, portanto não é possível definir precisamente o quanto de suas vidas é dedicada a atividades relacionadas ao Clube Atlético Mineiro e à torcida. Porém, todos os entrevistados afirmaram que de alguma forma programam sua rotina pessoal em torno do clube e da torcida. Nesse sentido, é possível concluir que se trata de uma dedicação quase integral, reforçando as fortes vinculações da identidade pessoal com o futebol, o time e a identidade coletiva da torcida.

Com relação ao relacionamento entre os membros da torcida, foram recorrentes as respostas que apontaram para o sentimento de união, de integração e até mesmo de pertencimento a uma família. A identidade coletiva da torcida, dessa forma, é representada como homogênea e harmônica. Os entrevistados afirmaram que na torcida encontraram pessoas que estão unidas pelo mesmo ideal, que é apoiar o time, e que por isso trabalham sempre juntas e constroem afinidades que vão além do futebol. A torcida organizada se tornou ainda um espaço de refúgio, de confraternização, de encontro e de socialização dos membros.

Compreende-se então que a torcida organizada é a grande responsável pela construção da identidade dos entrevistados, ditando sua rotina, seus ideais e comportamentos. Fazer parte da torcida Fúria Alvinegra envolve não apenas o comparecimento aos estádios, mas também a reprodução de uma série de padrões

comportamentais, discursos e ações coletivas, tais como buscar níveis mais altos de escolaridade, frequentar confraternizações, evitar brigas, divulgar e defender a torcida, participar da confecção de materiais e da organização da "festa".

A principal limitação desta pesquisa se deu pelo fato de abranger somente uma organização e por se tratar de uma torcida jovem, que não possui tanta tradição como as outras já estudadas. Para trabalhos futuros sugere-se o estudo com uma torcida que tenha maior número de membros, ou até mesmo com diversas torcidas para que seja possível a comparação dos resultados obtidos envolvendo um mesmo clube. Sugere-se também que a pesquisa seja realizada considerando a relação conflituosa com os discursos de times rivais e da mídia, destacando a representação discursiva que as torcidas apresentam dos fatos.

Referências

- ASHFORTH, B.E.; MAEL, F.A. 1989. Social identity theory and the organization. *Academy of Management Review*, 14(1):20-39.
- BAKHTIN, M. 1992. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 421 p.
- BAPTISTA, M.T.D.S. 2002. O estudo de identidades individuais e coletivas na constituição da história da Psicologia. *Memorandum*, 2(1):31-38.
- CARVALHO, C.A.; GONÇALVES, J.C.D.S.; de ALCÂNTARA, B.C.S. 2005. Transformações no contexto do futebol brasileiro: o Estado como agente de mudança. *GESTÃO.Org - Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, 3(1):5-17. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/gestaoorg/article/view/21504/18198>. Acesso em: 18/05/2017.
- CAVALCANTI, Z.G. 2002. *Identidade coletiva de torcidas organizadas de futebol da cidade de São Paulo*. São Paulo, SP. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 210 p.
- COOPER, D.R.; SCHINDLER, P.S. 2011. *Métodos de pesquisa em administração*. Porto Alegre, Bookman, 784 p.
- DUBAR, C. 2005. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo, Martins Fontes, 343 p.
- EDER, K. 2003. Identidades coletivas e mobilização de identidades. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 18(53):5-18. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092003000300001>
- ELIAS, N.; DUNNING, E. 1992. *A busca da excitação*. Lisboa, Difel, 421 p.
- FERNANDES, K.R.; ZANELLI, J.C. 2006. O processo de construção e reconstrução das identidades dos indivíduos nas organizações. *Revista de Administração Contemporânea*, 10(1):55-72. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552006000100004>
- FLEISCHMAN, S. 2001. Language and medicine. In: D. SCHRIFIN; D. TANNEN; H.E. HAMILTON (ed.), *The handbook of discourse analysis*. Malden, Blackwell, p. 470-502.
- FLICK, U. 2004. *Uma introdução a pesquisa qualitativa*. Porto Alegre, Bookman, 312 p.
- GIL, A.C. 1999. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, Atlas, 206 p.
- GOFFMAN, E. 1975. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro, Zahar, 158 p.
- MACHADO, H.V. 2003. A identidade e o contexto organizacional: perspectivas de análise. *Revista de Administração Contemporânea*, 7(special ed.):51-73.
- MAINGUENEAU, D. 2000. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 155 p.

- MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. 2010. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo, Atlas, 297 p.
- MENEGHETTI, F.K.; FARIA, J.H. 2006. Imaginário e poder: a dinâmica dos grupos ligados a uma organização de futebol. *GESTÃO.Org. - Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, 4(3):20-37. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/gestaoorg/article/view/21510/18204>. Acesso em: 10/06/2017.
- MURAD, M. 1996. Futebol e violência no Brasil. In: INSTITUTO CARIOCA DE CRIMINOLOGIA, *Discursos sediciosos: crime, direito e sociedade*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, p. 100-114.
- MURAD, M. 1999. Futebol e cinema no Brasil 1908/1998. In: M. COSTA (org.), *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo, Musa, p. 26-38.
- PIMENTA, C.A.M. 1997. *Torcidas organizadas de futebol: violência e auto-afirmação*. Taubaté, Vogal Editora, 160 p.
- PIMENTA, C.A.M. 1999. As transformações na estrutura do futebol brasileiro: o fim das torcidas organizadas nos estádios de futebol. In: M. COSTA (org.), *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo, Musa, p. 131-145.
- PIMENTA, C.A.M. 2000. Violência entre torcidas organizadas de futebol. *São Paulo em perspectiva*, 14(2):122-128. <https://doi.org/10.1590/S0102-88392000000200015>
- PIMENTA, C.A.M. 2003. Torcidas organizadas de futebol: identidade e identificações, dimensões cotidianas. In: P. ALABARCES (org.), *Futbollogías: fútbol, identidad y violencia en América Latina*. Buenos Aires, CLACSO-ASDI, p. 39-55.
- SOBRINHO, J.C.S.; CÉSAR, I.H. 2008. Torcidas organizadas de futebol: Metamorfoses de um fenômeno de massa. *Revista Eletrônica Inter-Legere*, 1(3):1-9. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4774>. Acesso em: 10/05/2017.
- SOUZA, M.M.P.; CARRIERI, A.P. 2013. A arte de (sobre)viver coletivamente: estudando a identidade do Grupo Galpão. *Revista de Administração*, 48(1):7-20. <https://doi.org/10.5700/rausp1070>
- SOUZA, M.M.P.; CARRIERI, A.P. 2014. A análise do discurso em estudos organizacionais. In: E.M. SOUZA (org.), *Metodologia e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional*. Vitória, Edufes, p. 13-41.
- TEIXEIRA, R.C. 2003. *Os perigos da paixão: Visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo, Anablume, 167 p.
- TOLEDO, L.H. 1996. *Torcidas organizadas de futebol*, Campinas, ANPOCS, 178 p.
- TOLEDO, L.H. 1999. A invenção do torcedor de futebol: disputas simbólicas pelos significados do torcer. In: M. COSTA (org.), *Futebol Espetáculo do Século*. São Paulo, Musa, p. 146-149.
- TURNER, J.C. 1982. Towards a cognitive redefinition of the social group. In: H. TAJFEL (ed.), *Social identity and intergroup relations*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 15-40.

Submetido: 14/08/2017

Aceito: 28/01/2018